Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Série: Letras e Ciências Sociais

Artigo Original

Fronteiras, hibridismo e mestiçagem e seus desdobramentos formativos

José de Sousa Miguel Lopes

Faculdade de Educação,Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

RESUMO: Neste trabalho começaremos por discutir os conceitos de fronteira, hibridismo e mestiçagem, procurando realizar um esforço transdisciplinar, que atravesse as fronteiras do saber, do pensar e do viver contemporâneo que contém relações multiculturais, elementos diferentes que, ao entrarem em contato, se misturam e configuram novas particularidades. Seguidamente, e privilegiando alguns recortes temáticos, procuraremos incitar cinco autores de vários campos do saber, - autores que designamos por "provocadores" - , ao diálogo com a Educação. São intelectuais que trabalham temas da Filosofia (Michel Onfray), da História (Jack Goody), da Ciência Política (Domenico Losurdo) e da Sociologia (Zygmunt Bauman e Boaventura de Sousa Santos). Onfray procura olhar os "estilhaços" acumulados sob o peso monumental da filosofia idealista que ignorou os filósofos vencidos. Goody analisa o "roubo", perpetrado pelo Ocidente, das conquistas de outras culturas o que tem conduzido ao nacionalismo estreito, à xenofobia e ao racismo. Losurdo desmantela as ideologias vigentes e historicamente determinadas, justificadoras do domínio da modernidade capitalista do Ocidente e de seu poder desmedido. Bauman embora faça referência a um fato específico - o holocausto -, mostra-nos como sua reflexão pode (e deve) ser aplicada aos conflitos do mundo de hoje no que consiste à (busca da) compreensão da (ir) racionalidade humana. Santos desnuda o modo como as epistemologias dominantes refletem os interesses dominantes — que, de modo mais ou menos direto, são os do capitalismo global — se compreendendo, então, como é tão difícil a luta por justiça social quanto à luta por justiça cognitiva.

Palavras-chave: Fronteiras, hibridismos, mestiçagem, formação, multiculturalismo

Borders, hybridism, crossing of races and their evolution

ABSTRACT*:* This study starts by discussing border, hybridism and mongrelism concepts, looking to go through a transdisciplinary effort, beyond the borders of knowledge, thought and contemporary way of living, which has within it multicultural relations, different elements that blend and configure new features, when in interaction. Further, the study will by giving privilege to thematic sketches, seek to incite five authors from several fields of knowledge – designated "instigators", to dialogue on Education. These are intellectual working in Philosophy (Michael Onfray), History (Jack Goody), Political Science (Domenico Losurdo), and Sociology (Zygmunt Bauman and Boaventura de Sousa Santos). Onfray seeks to look at accumulated 'shrapnel' under the idealist philosophical monumental weight that has ignored the beaten philosophers. Goody analyzes the 'theft' by the Western; of the conquests from other cultures that lead to the narrow nationalism, to xenophobia and racism. Losurdo dismantles the current historically determined ideologies, which justify the domain of the modern Western capitalist and his excessive power. Bauman, however, makes reference to a specific fact – the holocaust; he shows us how his analyzes can (and should) be applied to the current World when one seeks to comprehend the (ir) rationality of the ruling. Santos uncovers the way the ruling epistemologies reflect the interests of the dominant – which, in a somewhat direct sense, are from the global capitalism – if understood, these can be as so hard to fight for social justice as it is for cognitive social justice.

Keywords: Borders, hybridism, mongrelism, formation, multiculturalism

Correspondência para: (correspondence to:) miguel-lopes@uol.com.br

INTRODUÇÃO

As reflexões que motivaram a elaboração deste texto prendem-se com a oferta da disciplina "Fronteiras do pensamento", ministrada no curso de Mestrado em Educação no 1º semestre de 2011. Contudo, elas resultam de um longo processo de maturação que o autor vem desenvolvendo na última década, ao ministrar aulas em várias Universidades, em diferentes cursos de graduação (Filosofia, Pedagogia, História, Geografia, Letras, Psicologia, Comunicação e Jornalismo), pós-graduação *lato-sensu* (principalmente Psico-Pedagogia) e Mestrado em Educação.

É neste quadro que se faz necessário o estabelecimento de alguns diálogos e, porque não, o desencadeamento de "enfrentamentos" ao lugar comum, ao definitivamente aceite, visando fazer emergir novas e estimulantes perspectivas de olhar o mundo em facetas até então ignoradas ou obscurecidas pelo pensamento hegemônico.

Estabelecer e fomentar tais diálogos implica direcionar o nosso olhar para uma perspectiva de fronteira, na qual o nosso posicionamento no mundo se faça de modo mais aberto. Como aponta Augé (1999, p. 114):

Por um curto-circuito do pensamento, atestado em toda parte, os homens desejam menos conhecer o mundo do que nele se reconhecer, substituindo as fronteiras indefinidas de um universo em fuga pela segurança totalitária dos mundos fechados (AUGÉ, 1999, p. 114).

Ao transpormos a nossa reflexão para o campo acadêmico, estaremos no lugar onde as disciplinas se entrincheiram nas suas fortalezas, coibindo consciente ou inconscientemente o diálogo. Elas evitam, a todo o custo, se abeirar da linha de fronteira, pois quem sabe, se vai exigir "passaporte acadêmico", para que possa entrar no novo território do saber. Temerosos, nós, que ministramos essas disciplinas, remetemo-nos ao conforto do já sabido, do rotineiro, e perdemos a oportunidade e o desafio de novas e fascinantes descobertas.

Face ao exposto, começaremos por discutir os conceitos de fronteira, hibridismo e mestiçagem. São conceitos que podem contribuir para analisar uma época que não pode ser mais compreendida em fragmentos ou por disciplinas isoladas. Essa análise demanda um esforço transdisciplinar, que

atravesse as fronteiras do saber, do pensar e do viver contemporâneo. Neste quadro, são muitas as denominações utilizadas para tratar do espaço que contém relações multiculturais, elementos diferentes que, ao entrarem em contato, se misturam e configuram novas particularidades - espaço onde o hibridismo se faz presente. A mestiçagem supõe o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um "terceiro", que se insinua na situação de passagem. Seguidamente, e privilegiando alguns recortes temáticos, entre muitos outros que poderiam ser utilizados, procuraremos incitar cinco autores de vários campos do saber, - autores que designamos por "provocadores" - , ao diálogo com a Educação. São intelectuais que trabalham temas da Filosofia (Michel Onfray), da História (Jack Goody), da Ciência Política (Domenico Losurdo) e da Sociologia (Zygmunt Bauman e Boaventura de Sousa Santos). Onfray procura olhar os "estilhaços" acumulados sob o peso monumental da filosofia idealista que ignorou os filósofos vencidos. Goody analisa o "roubo", perpetrado pelo Ocidente, das conquistas de outras culturas o que tem conduzido ao nacionalismo estreito, à xenofobia e ao racismo. Losurdo desmantela as ideologias vigentes e historicamente determinadas, justificadoras

do domínio da modernidade capitalista do Ocidente e de seu poder desmedido. Bauman, embora faça referência a um fato específico - o holocausto -, mostra-nos como a sua reflexão pode (e deve) ser aplicada aos conflitos do mundo de hoje no que consiste à (busca da) compreensão da (ir) racionalidade humana. Santos desnuda o modo como as epistemologias dominantes refletem os interesses dominantes — que, de modo mais ou menos direto, são os do capitalismo global — se compreendendo, então, como é tão difícil a luta por justiça social quanto a luta por justiça cognitiva.

FRONTEIRA, HIBRIDISMO E MESTIÇAGEM

A ideia de fronteira sugere um excesso de horizontes, de possibilidades, de caminhos insuspeitos. Nesse sentido:

Como pensar a fronteira, quando ela não se limita à linha pela qual um território se transforma em outro e tão pouco se reduz à sua simples dissolução?

Como pensar no imaginário de fronteira, em relação ao qual a superfície dos corpos – gestos humanos, falas, desejos, afetos – se mantém permeável e porosa, arrancando os personagens do espectro das identidades nacionais, comunitárias étnicas e/ou religiosas que os investem e, ainda dos espetáculos da mídia que os instrumentalizam frequentemente com vistas à produção de realidade?

Como salienta, com toda a pertinência, Nóvoa (1998, p. 19): “Hoje, o mais estimulante ocorre nas fronteiras, nos espaços de transgressão disciplinar e de fertilização entre diferentes campos científicos, o que exige o recurso a uma panóplia diversificada de ferramentas teóricas e metodológicas”.

As palavras de Nóvoa fazem todo o sentido, pois o início deste século apresenta-se como Um tempo singular, marcado por mudanças tecnológicas, ambientais e socioeconômicas tão aceleradas que desafiam todos os esforços das ciências, da filosofia e das artes. Trata-se de uma época que não pode ser mais compreendida em fragmentos ou por disciplinas isoladas. Ela demanda um esforço transdisciplinar, que atravesse as fronteiras do saber, do pensar e do viver contemporâneo.

Podemos imaginar a fronteira como o traço que separa imagem de si e imagem do outro, permitindo o autorreconhecimento e a construção do sentimento daquilo que é comum e daquilo que não é; a fronteira é a linha que demarca o que é idêntico, limitando um conjunto de valores e crenças. É também o lugar de transição para o diferente, sugerindo tramas narrativas e afetivas em que o movimento entre a imagem de si e do outro (cultural, nacional) é bem demarcada, estando elas confinadas a uma referência estável, homogênea.

Muitas são as denominações utilizadas para tratar do espaço que contém relações multiculturais, de elementos diferentes que, ao entrarem em contato, se misturam e configuram novas particularidades - é o espaço onde o hibridismo se faz presente.

O grande desafio da atualidade, mais do que em outros períodos, é o de enfrentar uma cultura em movimento. Um caminho do meio consiste nesses procedimentos de deslocamento, de nomadismo, em que a identidade possa nascer da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância, um caminho do meio para superar o fundamento encerrado pela questão identitária: afirmar-se e excluir o outro. Portanto, a afirmação das identidades passa por um processo de diferenciação, onde se estabelece uma relação complementar entre as alteridades.

Sob esse ponto de vista, é importante destacar o papel do colonialismo como construção primeira do que seria o hibridismo, pois uma vez descobertas e alcançadas, as novas terras colonizadas representavam "o próprio purgatório, um lugar intermediário entre o céu e a terra, o "terceiro lugar", oposto à Europa – metrópole da cultura e terra dos cristãos –," que começava com o rito de passagem simbolizado pela viagem dos navegantes. Então, a expansão colonial misturou o que não estava misturado: corpos puros, cores fundamentais, elementos homogêneos. As "impurezas" e "contaminações", "esses vestígios é que levaram à alteridade, à busca da verdade do outro, à ultrapassagem de fronteiras".

A mestiçagem supõe a convergência de elementos díspares de proveniência europeia, ameríndia e africana, em sua origem estrangeiros uns aos outros, que se ajustam entre si, conferindo-lhes um novo sentido – "é o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, um "terceiro", que se insinua na situação de passagem". Hanciau (2005, p. 139) destaca que esse lugar intervalar, de identidades híbridas, promove a "negociação de identidades em culturas multifacetadas e abertas à relação com o outro, em processos contínuos de crioulizações ou de mestiçagens culturais".

É evidente que, atualmente, cada vez mais os fenômenos culturais viajam. Os exemplos se multiplicam num mundo em que a cultura está cada vez mais mundializada. As manifestações culturais, que antes eram vistas como claramente delimitadas, agora seguem em parte a lógica da globalização e não respeitam mais as antigas fronteiras nacionais ou regionais. Tanto que hoje a cultura e o modo de vida norte-americano, estão num momento em que os diferentes grupos étnicos reivindicam sua especificidade.

De uma forma geral, o Estado-Nação tende a ser contrário à manutenção de diferenças regionais e culturais, exigindo uma lealdade à ideia do país. Porém, o conceito de Estado-Nação está sendo afetado pela compressão do tempo e do espaço, na medida em que a velocidade da informação e dos deslocamentos se intensifica e faz com que as mudanças se acelerem cada vez mais.

Se antigamente as culturas tendiam a ser associadas a um território e a identidades definidas, o que se verifica atualmente é um cruzamento das fronteiras culturais e simbólicas que faz com que haja uma desterritorialização dos fenômenos culturais. Uma manifestação simbólica que surge num contexto migra para outros e é recontextualizada. É claro que essa adoção não é passiva e implica sempre reelaboração. Isso significa que as culturas se tornam cada vez mais híbridas (OLIVEN, 2006, p. 166)

O hibridismo que se faz presente nas relações de fronteira remete à explicação de Hanciau (2005, p. 136), onde Bhabha define fronteira como não sendo o ponto onde algo termina, mas é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente. Nesse sentido, é importante destacar que, na fronteira, o fator essencial é o contato e o surgimento da mestiçagem e não o limite em si mesmo. "Estar no 'além', conforme Bhabha demonstra, significa habitar um espaço intermediário, nem um novo horizonte, nem um abandono do passado". Diferenças e identidades, tempo e espaço, ritmos e choques. Estar no entre-lugar é participar de um tempo revisionário, "que retorna ao presente para redescrever a contemporaneidade cultural", tornando-se um espaço de intervenção no aqui e no agora, entre nós e os outros.

OS AUTORES "PROVOCADORES" E O DIÁLOGO QUE ESTABELECEM COM A EDUCAÇÃO

O conteúdo de "Fronteiras do pensamento", embora se apresente com o formato de uma disciplina, em ordem ao que está estabelecido no currículo do Mestrado em Educação, propõe-se, no entanto estabelecer um diálogo frutuoso entre a Educação e temas desafiadores e instigantes nos campos da Filosofia, da História, da Ciência Política e da Sociologia. Esse diálogo possibilitará, aos estudantes, leituras e discussões de renomados cientistas e grandes intelectuais da atualidade que se destacam pela ousadia de pensar a contemporaneidade.

A digressão inicia-se penetrando no continente soterrado e esquecido da filosofia na perspectiva dos filósofos vencidos ao longo da história. Será o filósofo francês Onfray (2008) e sua monumental *A Contra-História da Filosofia* que nos guiará nesse caminho. Nesta obra em 6 volumes, dos quais apenas os três primeiros foram publicados no Brasil, o autor propõe-se examinar 25 séculos da filosofia esquecida. Os manuais, as histórias, as enciclopédias, os trabalhos universitários evitam cautelosamente esse imenso continente da filosofia. É por isso que só conhecemos as figuras mais austeras e as menos interessantes da filosofia. Porque será? Porque a história da filosofia é escrita pelos vencedores de um combate que, em geral, opõe os idealistas e os materialistas. Basta lembrar que com o cristianismo aqueles tomam o poder que vão manter ao longo dos últimos vinte cinco séculos. Desde então, favorecem todos os pensadores que trabalham segundo as suas tendências e apagam conscientemente todos os traços de uma filosofia alternativa. Não há dúvidas que "a historiografia releva da arte de guerra" e que o modo por que se faz a história resulta das relações de força, das estratégias, das fraquezas, dos calculismos, dos confrontos reais ou simbólicos ou, como disse Marx, que as ideias dominantes de uma época sejam aquelas pelas quais a classe dominante justifica a sua dominação. Por outras palavras, a história sempre foi escrita pelos vencedores. Donde a absoluta necessidade de uma "contra-história" que venha a recuperar os restos dos discursos dos vencidos, dos excluídos, dos dominados, dos minoritários, dos esquecidos. Foi esta exigência, política e moral, que esteve, aliás, na origem da renovação da historiografia contemporânea, ao integrar a história das mulheres, a história da homossexualidade, a história da loucura, a história dos internamentos, a história dos colonizados, dos operários, dos camponeses… E é perfeitamente legítimo que Michel Onfray queira olhar os "estilhaços" acumulados sob o peso das estátuas monumentais de Platão, Descartes e Kant. Poderemos nos indagar, entre outras questões, até que ponto a predominância da filosofia idealista no campo da educação tem conduzido a posicionamentos dogmáticos?

Tema a abordar neste percurso é o do viés ocidentalizado e etnocêntrico, difundido pela historiografia ocidental, e o consequente "roubo", perpetrado pelo Ocidente, das conquistas de outras culturas o que tem conduzido ao nacionalismo estreito, á xenofobia e ao racismo. O antropólogo e historiador inglês Goody (2008) apresenta-nos *O roubo da história*, resultado de mais de 60 anos de leituras, pesquisa, rigor empírico e conceitual na qual somos confrontados com processos históricos que têm sido distorcidos, estimulando, ainda que inconscientemente, entre os estudantes, os preconceitos étnico-nacionalistas. O antropólogo entende que o "roubo" ou, mais elegantemente, "apropriação", foi o fato dos europeus escreverem sobre sua História e a da restante humanidade a partir de seu ponto de vista, que enfatiza a excepcionalidade

do Ocidente no tocante à criação de valores como a democracia, a defesa da liberdade, a igualdade de direitos, bem como instituições como as universidades e mesmo sentimentos como o "amor romântico" e o individualismo. Dessa maneira, os europeus afirmam sua superioridade cultural e dão pouca atenção às realizações de outras sociedades, mais precisamente da Ásia e Oriente Próximo, que também desenvolveram estes conceitos. Goody tem por objetivo derrubar esta muralha etnocêntrica e mostrar que a Europa e a Ásia possuem pontos em comum, entretanto, sem abdicar a constatação de diferenças e particularidades construídas ao longo do processo histórico. Afinal, existe uma grande diferença entre criticar o eurocentrismo e todas as consequências espúrias que ele proporcionou e desqualificar conquistas civilizatórias da cultura ocidental como um todo. Nosso passado não foi um conto de fadas, mas é o nosso passado. Somos resultado de séculos de elaborações intelectuais, conflitos simbólicos e materiais. Destruição e esclarecimento são irmãos muito unidos. Cabe a nós compreender esta complexa herança. Apreender e reelaborar o que for preciso. Desprezar, nunca.

Imprescindível à reflexão e discussão em torno dos equívocos na sociedade moderna, nas suas instituições e nos seus métodos, bem como a emergência de barbarismos, fruto da desigual distribuição de poder, constituindo-se como as principais causas das fraturas com que se debatem as sociedades contemporâneas. O filósofo e cientista político italiano Losurdo (2010), em sua obra *A linguagem do Império: léxico da ideologia estadunidense* desmantela as ideologias vigentes e historicamente determinadas, justificadoras do domínio da modernidade capitalista do Ocidente e de seu poder desmedido. Segundo Losurdo, os Estados Unidos utilizam-se de categorias como "terrorismo", "fundamentalismo", "ódio ao Ocidente" e "antiamericanismo" como "armas de guerra" para rotular não só seus inimigos como também os que não mostram disposição em cerrar fileiras neste combate aos que ameaçam seu modelo de sociedade. "Quem não estiver com a América é automaticamente inimigo da paz e da civilização", aponta Losurdo, que busca nesta obra refletir sobre os perigos desta política, a partir da qual "a lista dos possíveis alvos pode ser continuamente atualizada e aumentada". Com o intuito de combater as manipulações e distorções feitas pela "linguagem do Império", o livro faz simultaneamente a reconstrução histórica e a análise conceitual desta linguagem. Ao fazê-lo segue uma estratégia dupla. Uma, obviamente, é comparar as declarações feitas em Washington com a realidade de suas políticas domésticas e internacionais. Em segundo lugar, a estratégia do autor é comparar a situação concreta na qual tais fenômenos, como terrorismo e fundamentalismo, emergem e as diversas formas que assumem. Da mesma forma, indaga em que circunstâncias o conflito político tende a assumir uma coloração racial? Emerge assim a extrema miséria intelectual e o perigo político representado pela ideologia da classe dominante. O poderio do império norte-americano e de muitos de seus aliados acaba interferindo no campo da educação, particularmente nas diretrizes curriculares fortemente influenciadas pelos países que têm força real e/ou simbólica para impô-las.

O passo seguinte coloca em cena a discussão da violência na modernidade, temática estimulada pelo sociólogo polonês Bauman (1998) com sua premiadíssima obra, *Modernidade e Holocausto*. O autor frisa que as lições do Holocausto devem ser encaradas com seriedade, e que é premente a necessidade de recorrência constante nessa discussão, especialmente com relação ao impacto

desta experiência, que, factualmente, influencia a percepção que se tem da ideia de responsabilidade e moralidade, com sérias repercussões sobre o pensar ético-reflexivo. Bauman compreende que o genocídio tem ligações profundas com a natureza da modernidade, pois para ele o Holocausto nasceu e foi executado na sociedade moderna e racional, em alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e, por essa razão, é um problema dessa sociedade, dessa civilização e dessa cultura. Analisando fenômeno nazista e a violência limite que lhe está inerente, Bauman afirma que o perturbador não é que o nazismo tenha ocorrido, mas que possa voltar a ocorrer. É, portanto, correto, afirmar que as concepções teóricas utilizadas em *Modernidade e Holocausto*, embora façam referência a um fato específico -o holocausto -, podem (e devem) ser aplicadas aos conflitos do mundo de hoje no que consiste à (busca da) compreensão da (ir)racionalidade humana. O que dizer do modo como a violência se tem introduzido gradualmente no campo educacional, alimentando discriminações, violência física e morte no interior e na proximidade das escolas?

Por último, torna-se imprescindível o tema relativo ao eixo da colonização epistêmica, o mais difícil de criticar abertamente na relação colonial de exploração e dominação que persiste nos dias de hoje. Essa é a temática que o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos vem trabalhando, nomeadamente sobre aquilo que ele designa como "das linhas globais a uma ecologia dos saberes". Dado que as epistemologias dominantes refletem os interesses dominantes — que, de modo mais ou menos direto, são os do capitalismo global — se compreende como é tão difícil a luta por justiça social quanto a luta por justiça cognitiva. O avanço de uma epistemologia de conhecimento-emancipação depende do avanço das lutas sociais contra a opressão, a discriminação e a exclusão social, ainda que esteja sujeito a outras determinações relativamente autônomas que têm a ver com o campo intelectual, a cultura científica dominante, os sistemas de educação, etc. Novos tipos de conhecimento apontam, também, para novos modos de produção de conhecimento. Boaventura de Sousa Santos define-os, em geral, como *epistemologias do Sul*, entendendo por Sul a metáfora do sofrimento humano, sistematicamente causado pelo capitalismo. Trata-se, pois, de um Sul não imperial (porque há um Sul imperial, que reproduz no Sul os interesses do Norte) que resiste contra a opressão, a exploração e a exclusão. Esse conhecimento pode ser produzido no Norte, mas sempre aprendendo com o Sul não imperial. E a vigilância epistemológica tem de ser constante, pois, doutro modo, a fala alternativa pode transformar-se, rapidamente, em silenciamento alternativo. Coordenando, junto com a moçambicana Maria Paula Meneses, a obra *Epistemologia do sul* (Santos,2009), faz uma abordagem contundente dessa colonização epistêmica e como tal concepção se reflete nas pesquisas em educação, ainda fortemente influenciadas e dependentes do pensamento hegemônico que desqualifica as pesquisas feitas no sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fronteira, enquanto produto de processos e interações econômicas, culturais e políticas, se torna o espaço de políticas públicas de integração e cooperação, das diferenças de expectativas e transações do local e do internacional, e do desejo de homogeneizar a geografia dos Estados nacionais. O híbrido cultural resultante das conexões e convivências com o "outro" exige o reconhecimento por parte do poder público de uma sociedade com características peculiares à situação de fronteira.

Antes de conterem limites, marcos físicos ou naturais, as fronteiras são, sobretudo, o produto da capacidade imaginária de reconfigurar a realidade, a partir de um mundo paralelo de sinais que guiam o olhar e a apreciação, por intermédio dos quais os homens e as mulheres percebem e qualificam a si mesmos, o corpo social, o espaço e o próprio tempo. Assim, as fronteiras apresentam-se porosas, permeáveis, flexíveis, deslocam-se ou são deslocadas.

Se há dificuldade em pensá-las, em apreendê-las, é porque aparecem tanto reais como imaginárias, intransponíveis e escamoteáveis. Estudá-las, e essa é tarefa precípua da Academia, se não resolve essa problemática, leva pelo menos a entender o sentimento de inacabamento, ilusão nascida da incapacidade de conceber o "entre-dois mundos", a complexidade deste estado/espaço e desta temporalidade.

A busca por uma identidade fronteiriça ou mesmo uma compreensão do que é a fronteira, dada sua pluralidade e seus estigmas, é uma tarefa complexa que deve ser, antes de tudo, experimentada, vivenciada no cotidiano, onde a cada esquina e em cada olhar se expressam diferentes historicidades. A fronteira pulsa além do mapa. A fronteira vive na construção de cada ser, está diluída no ar que nós todos respiramos, eu, tu, ele.

Estamos, assim, em face de um duplo desafio: para o professor que, através de vários autores, procura desencadear, provocativamente, reflexões que, em grande medida, se desejarão polêmicas, e para os estudantes com quem dialoga, almeja aprofundar, aceitar e/ou discordar de seus pontos de vista. Deseja-se, em última análise, um processo de crescimento intelectual, moral, educacional para todos os intervenientes do processo: professor e estudantes.

As zonas de fronteira podem/devem transformar-nos, e frequentemente o fazem, em analistas minuciosos dos sistemas de representação que sustentam nossas crenças, valores e dinâmicas relacionais. Nesse processo, esse analista minucioso em que nos transformamos, pode estabelecer conexões a comunidades de pertencimento imprevisíveis. "Transportado" a outro lugar, suas crenças, dúvidas, ilusões, logros, o colocam perante um desafiador exercício de subjetividade. Hibridismos, mestiçagens, desenraízamentos, enfrentamentos com o desconhecido e o imprevisto operam um ponto de fuga nos discursos, um traço insondável, sugerindo-nos outras formas de analisar os fenômenos. Formas que solicitam nosso trabalho ativo, à medida que o inscrevem e o capturam, no sentido da invenção de enunciados e de interrogações sempre por vir.

Nas zonas de fronteira emerge um novo olhar, resultado de enfrentamentos, imprevisibilidade, negociação, porque no centro dessas representações existem seres singulares e seus encontros, relações intersubjetivas que implicam lacunas, vazios e fraturas múltiplas. A representação dessas conexões aleatórias e casuais nos estimula a liberar da significação a realidade que nosso pensamento enfrenta. E nos estimula, porque se trata de pensamentos operadores de disjunções, que enfatizam o desconforto e a crise como condição para um outro pensamento, seja dos povos, das comunidades, das culturas, das nações, do tempo por vir (Deleuze, 1990). Implicam, pois, um deslocamento das representações que trabalham a fronteira cultural, étnica, seja com limite duro, intransponível, seja como uma forma vazada, maleável, na qual se pode "entrar" e "sair" sem resistências. Em última análise, somos intimados a pensar o que é sujeito hoje. E ele não é senão aquele que se forma nos entre-lugares, nas misturas culturais, no processo

de ir e vir. Estes "enfrentamentos" requerem hibridismo, desterritorialização, deslocamento, reinvenção dos limites.

Embora as imagens de fronteira erijam identidades e alteridades imaginadas, o limite se coloca também como indagação, como pergunta essencial e interminável. Privilegiar essa indagação é buscar também outros caminhos no interior do pensamento, projetando-nos a sair de nossa zona de conforto, do já estabelecido. Orientemo-nos, pois, pela sagaz perspectiva de Wittgenstein (1986), quando afirma:

Enredamo-nos no gelo escorregadio onde a fricção está ausente, e onde, portanto, as condições são ideais em um certo sentido, mas, onde, em troca, e causa disso, não podemos caminhar. Ora, queremos caminhar; precisamos, portanto, de fricção. Voltemos ao solo áspero! (WITTGENSTEIN, 1986).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, M. O sentido dos outros: atualidade da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAUMAN, Z. Modernidade e Holocausto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

DELEUZE, G. A imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 1990.

GOODY, J. O roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008.

HANCIAU, N. J. Entre-Lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

LOSURDO, D. A linguagem do Império: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

NÓVOA, A. Histoire & Comparaison. Lisboa: Educa, 1998. (Essais Sur l'Éducation).

OLIVEN, R. G. Territórios, fronteiras e identidades. In: SCHULER, F.; BARCELLOS, M. de A. (Orgs.). Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ONFRAY, M. A Contra-História da Filosofia: as sabedorias antigas. São Paulo; WMF, Martins Fontes, 2008. V. I.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S. & MENESES, M. P. (orgs.). Epistemologia do sul. Coimbra: Almedina, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus: seguido de *Investigations philosophiques.* Paris: Gall